

No dia 26, logo às duas horas da manhã, o meu pai meteu-se a caminho para ir visitar um professor primário em Salla, que foi encontrar já moribundo, e que veio a morrer logo após a sua chegada. Voltou então a sair, e partiu para Hüllberg para ir tratar de uma criança que na Primavera tinha caído numa pia de porcos cheia de água a ferver e que, após ter estado internada algum tempo no hospital, estava já há algumas semanas em casa dos pais.

Ele gostava de visitar a criança e aproveitava todas as oportunidades que tinha para o fazer. Os pais da criança eram gente simples, o pai era mineiro em Köflach, a mãe trabalhava como empregada doméstica em casa de um carnicheiro de Voigtsberg; a criança, no entanto, não estava todo o dia sozinha em casa porque uma irmã da mãe ficava a tomar conta dela. Nesse dia o meu pai descreveu o estado da criança tão pormenorizadamente como nunca o havia feito, e confessou recear que ela pouco mais tempo tivesse de vida. Podia afirmar com segurança que não passaria desse Inverno, e por isso ia agora vê-la tantas vezes quantas lhe era possível. Reparei que falava da criança como se fosse um ente muito querido, de uma maneira muito calma e sem ter de sopesar as palavras; considerava inteiramente natural a simpatia que a criança lhe inspirava tendo em conta o meio em que a mes-

ma havia crescido, guardada pelos pais mais do que educada, e justificava as suas conjecturas sobre a natureza dos pais da criança e a relação destes com ela pelo que conhecia do ambiente em que eles viviam. Enquanto falava andava de um lado para o outro no quarto, e em breve deixou de sentir necessidade de se voltar a deitar. Era agora o único médico numa área relativamente vasta e, além disso, «difícil», depois de o outro médico que ali havia ter sido convidado a ir leccionar na Universidade de Graz e ter ido viver para a capital da província. A vinda dum novo médico era pouco provável, pois pretender ganhar clientela aqui era quase uma loucura. Ele, porém, estava já habituado a sacrificar-se por essa gente que, totalmente corroída pela doença, tendia para a violência e para a loucura. O facto de eu estar em casa aos fins de semana era para ele um apaziguamento cada vez mais necessário. Tinha um ar cansado. Mas, quando abri as persianas e o Ache nos encadeou reflectindo o sol, resolveu ir dar um passeio. «Anda comigo», disse, «vem.» Falou, enquanto eu me vestia, de um «fenómeno da Natureza», de um castanheiro que estava em flor agora, em fins de Setembro, e que ele descobrira fora da localidade, junto ao Ache. Talvez ele queira aproveitar enfim esta oportunidade, pensei eu, para falar comigo sobre os meus estudos em Leoben, sobre a minha carreira na indústria mineira. Agora era mesmo boa altura, antes de se ir embora para passar o dia a visitar os doentes. «Sabes uma coisa?», disse ele. «Às vezes sinto-me farto de tudo isto.»

Não queríamos acordar a minha irmã, e assim descemos para a sala de entrada, onde estavam pendurados os nossos sobretudos, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Porém, quando nos dispúnhamos a sair, já de sobretudos vestidos, tocaram à porta, e, ao abri-la, deparámos com um homem que eu não conhecia (soube depois que era um estalajadeiro de Gradenberg) e que pediu ao meu pai que fosse imediatamente com ele. E assim, em vez de irmos passear para o Ache e de conversarmos um com o outro, fomos para Gradenberg no carro do estalajadeiro; a conversa

sobre o castanheiro em flor ficou por ali, e passámos a escutar o relato inquietante do estalajadeiro sobre o que acontecera à mulher.

Ela tinha estado até às duas horas da manhã, contou o marido, a atender os mineiros que, bêbados já há algumas horas, se tinham dividido em dois grupos rivais; de repente um dos mineiros tinha-lhe batido na cabeça sem mais nem menos e ela perdera logo os sentidos e caíra desamparada no chão. Aflitos, os mineiros tinham-na levado logo para o quarto do estalajadeiro, que ficava no primeiro andar, e, ao subir a escada, a cabeça da mulher tinha batido por várias vezes contra o corrimão. Deitaram a mulher na cama; a bebedeira havia-lhes passado de repente, e assim puderam pôr o marido ao corrente do que se passara, o qual tinha acordado ao sentir forçarem-lhe a porta do quarto e se levantara meio tonto. Tinham-no então aconselhado a ir imediatamente, mesmo assim a altas horas da noite, denunciar à esquadra o autor da agressão, o Grössl, que todos eles conheciam, ainda que só de vista. Os polícias, mesmo o que estava de serviço, deviam estar todos a dormir, achava o estalajadeiro, mas pusera-se a atirar pedras às janelas até que conseguira que o ouvissem e o deixassem entrar. De início os polícias tinham-no aconselhado a voltar lá *no dia seguinte de manhã* para apresentar queixa, mas ele insistira em prestar declarações imediatamente e exigira que pelo menos um polícia viesse com ele à estalagem, onde a mulher jazia inconsciente e os mineiros o aguardavam. Estes, achava ele, tinham também de prestar declarações imediatamente. Levou no entanto demasiado tempo até voltar à estalagem com dois dos polícias, e quando os três entraram no quarto os mineiros tinham-se ido embora, todos menos um. Pensou logo que não deveria ter deixado a mulher ficar sozinha nem um só momento, e começou a arquitectar as mais sombrias conjecturas e suspeitas ao pensar que ela havia estado todo esse tempo a sós com aquele mineiro, o Kolig, que ele mal conhecia, apenas de vir de vez em quando à estalagem, um homem que não era da terra, o que queria dizer

que não era de confiança, e que falava um dialecto que não se parecia mesmo nada com o dialecto estúrio que falavam ali na região.

Esse Kolig, que ficara a fazer companhia à mulher do estalajadeiro, estava de pé, mas bêbado a ponto de não ser capaz de pronunciar uma frase, por mais curta que fosse; apesar disso o mais novo dos polícias deteve-o logo e mandou-o sentar-se numa cadeira que estava a um canto do quarto; entretanto o mais velho dos dois polícias tirava fotografias à mulher, que jazia inconsciente no leito, agindo como se ela já estivesse morta. As declarações que Kolig fizera ao ser interrogado eram de facto imprestáveis, e, como ameaçasse tombar para a frente porque não conseguia manter-se na posição de sentado, o polícia, aborrecido, agarrou-o, puxou-o e atirou com ele para o corredor.

O fugitivo, o Grössl, era um homem que, uma vez dentro duma estalagem, não se ia embora nunca sem fazer desacato. Não era difícil encontrá-lo, disseram os polícias; considerando o seu cadastro falavam numa pena de prisão de vários anos, estando provados os graves danos corporais causados pelo murro na cabeça da estalajadeira a ponto de a deixar inconsciente. Assim que o polícia mais velho falara de graves danos corporais logo ocorrera a todos eles que era preciso chamar um médico. «Entretanto haviam-se passado umas horas», disse o estalajadeiro.

Eram já quatro e meia quando chegámos a Gradenberg e fomos conduzidos pelo estalajadeiro ao quarto onde estavam os dois polícias. O meu pai pediu a todos que saíssem para o corredor. Enquanto ele lá dentro examinava a mulher, que vi de relance e me deu a impressão de estar já morta, os dois polícias no corredor falaram-me com desprezo do Kolig, ali estendido no chão, acusaram-no de ser estúpido e de se preocupar cada vez menos com as seis pessoas de família que tinha a seu cargo. Não sabiam o que fazer dele; quando o meu pai saiu do quarto estavam a puxar

o Kolig pelos ombros do casaco para o tirar da escada, meio atravancada pelas pernas dele, e depois nunca mais lhe ligaram importância.

A mulher estava realmente muito maltratada e tinha de ser transportada imediatamente para o hospital de Köflach, disse o meu pai, os polícias teriam de a trazer para baixo com o maior cuidado e de a estender na camioneta.

O quarto de onde os polícias tiraram a estalajadeira era lúgubre mesmo num dia claro, era húmido, forrado de um papel castanho esverdeado e mobilado com móveis baratos de madeira de má qualidade. O meu pai, quando passou por mim ao descer as escadas atrás dos polícias que transportavam cuidadosamente a mulher, lançou-me um olhar que me levou a supor o pior. Sentei-me na camioneta à frente, ao lado do estalajadeiro, que ia a conduzir, e o meu pai sentou-se atrás junto à mulher estendida no estrado.

Durante toda a viagem, que abreviámos atalhando por Krennhof, não trocámos uma só palavra, eu e o estalajadeiro. Como era de manhã muito cedo rodava-se com rapidez e facilidade. Já há muito tempo que não vinha a esta região, pensei, tive de remontar à minha primeira infância para me ver por ali, nas margens do Graden. O meu pai raramente me levava consigo quando saía de carro, e após a morte da minha mãe eu passara a ficar sempre entregue apenas a mim próprio. A minha irmã, a quem sucede o mesmo, deve ter sofrido este abandono de uma forma ainda mais dolorosa.

Ao contrário do que sucedera antes, a caminho de Gradenberg, em que falara tanto, o estalajadeiro, dadas as circunstâncias, não disse uma única palavra durante toda a viagem até Köflach. A mim parecia-me também insensato dizer-lhe qualquer coisa. Se bem compreendera o meu pai, era para mim quase certo que a mulher não chegaria viva a Köflach; quando, porém, os enfermei-

ros a tiraram do carro no hospital ela dava sinais de vida, mas morreu enquanto ali permanecemos. Morreu ainda antes de entrar no único quarto de operações de que o hospital dispunha, não se lhe podia bem chamar uma sala de operações; o marido tivera o pressentimento disso porque, quando os enfermeiros a levavam no corredor, agarrara-lhe a mão e chorara. Não o deixaram ficar ao pé da morta, mandaram-no ir para baixo, para o pátio, onde, entregue apenas a si próprio, teve de esperar meia hora pelo meu pai. Deixei-o estar sozinho e observei-o de maneira que ele não pudesse perceber que eu o observava. Depois chegou o meu pai e andou com o estalajadeiro de um lado para o outro no pátio tentando acalmá-lo. Disse-lhe que era agora necessário tratar de várias coisas, das formalidades do funeral, do inquérito policial e da queixa a apresentar contra o Grössl por crime de morte. Seria melhor para ele não ficar só, disse o meu pai, não se isolar no seu desgosto; dadas as circunstâncias, ele, o meu pai, iria poupá-lo a várias formalidades, como por exemplo a ida ao tribunal; nas outras, de que a primeira a cumprir seria o ir ver a mulher à morgue, estaria ao lado dele para lhe minorar a dor. Tinha notado na morta, disse o meu pai, uma hemorragia na cabeça, fatal em qualquer circunstância, e nessa mesma manhã iria receber do médico legista local o relatório concreto. Não tinha a menor importância o facto de ele, o meu pai, ter sido avisado do incidente pelo estalajadeiro só três horas depois de ela ter sido agredida. Não havia salvação possível. A morta tinha trinta e dois anos e o meu pai conhecia-a há anos. Achara sempre que era uma monstruosa brutalidade por parte dos estalajadeiros irem, na sua maioria, deitar-se cedo, por estarem cansados de trabalhar durante todo o dia nos matadouros, no comércio de gado e na agricultura, e deixarem as mulheres sozinhas até de madrugada a tomar conta da estalagem, porque o que lhes interessa é apenas o lucro do negócio, deixarem-nas entregues apenas a si próprias e desamparadas no meio de todos aqueles homens que, não parando de beber até de madrugada, perdiam a noção da gravidade das brutais manifestações a que se entregavam; isto disse-me o meu pai quando